

nunca esteve abandonado daqueles Sêres que aparecem aos olhos do vulgo inciente como constituindo o — sobrenatural.

As mensagens do Espírito de Humberto de Campos identificam, pelo texto e pela mesma vibração de beleza das do Humberto de Campos — homem, a continuação da vida intelectual, dêste, naquele.

Si, ás horas do sofrimento do corpo, não veiu o remedio material, descia de lá a aura de coragem resignada para balsamizar a provação do Espírito na subida do seu calvário, até que chegasse o momento do testemunho.

E o testemunho aí está, reiterado em páginas de encanto e ensinamento, a caminho de uma biblioteca, a que ficará ligado tambem o Espírito meigo e sensibilíssimo do medium, Francisco Cândido Xavier.

Do fundo da minha humildade absoluta, não tenho autoridade para pedir cousa alguma a êsses gigantes do Espiritualismo, onde milita um EM-MANUEL e onde já fulge Humberto de Campos; mas, apesar disso, tenho o desejo de suplicar que sobre a Alma de cada um dos leitores de tais mensagens desça a luz da crença, ou, quando menos, uma sensação de bênção, de paz, de conforto, de esperança serena, de confiança no futuro, um propósito de melhores sentimentos, a PAZ DA CONCIÊNCIA, tudo para maior glória do Espírito de Humberto de Campos, na verdadeira glória da VIDA ETERNA !

## NOTA FINAL sobre o médium

### Francisco Cândido Xavier

(por Almerindo Martins de Castro)

Agora que a produção literaria mediúnica, vehiculada pelo lápis de Francisco Cândido Xavier, conquistou o respeito de eminentes vultos das nossas letras, inclusive o maior dos críticos brasileiros, Agrippino Grieco, cabe aqui um despretencioso, mas sincero apêlo a todas as almas bem formadas que hajam percorrido as páginas de tais trabalhos, no sentido de não acolherem as injustíssimas suspeitas que pessoas menos tolerantes atiram sobre os sentimentos e honorabilidade intelectual daquele médium.

A palavra Espiritismo não deve constituir motivo de anátema, por isso que não retira da criatura a condição de filho e crente no mesmo Deus supremo das religiões. A faculdade mediúnica não é um característico de seita religiosa, que inscreve a criatura no rol dos espiritas ou na nomenclatura dos epilépticos.

Dom indefinido ainda, porque só se lhe conhecem os efeitos, com êle vêm á vida terrena sêres que adotam na maturidade idéias diversissimas em materia de crença, sem que êsses antagonismos — meramente individuais — alterem no mínimo a dita faculdade espiritual.

Manifestações mediúnicas têm sido observadas em pessoas inteiramente alheias ás doutrinas codificadas por Alan Kardec, sem distinção de credo ou idade.

Eloquentíssimo exemplo — pelo valor da insuspeição — é o de Pio IX, o glorioso pontífice a cuja envergadura política se deve a honrosa atitude da Igreja Romana, quando vencida e despojada do Poder Temporal pelos heróis da unificação italiana.

Pio IX (Veja-se o livro de Villefranche, *Pio IX*, Lisboa, 1877, cap. I) foi médium, cuja impulsividade característica está estampada em muitos dos incidentes da sua vida.

Ao sair da infancia, começaram as primeiras manifestações da sua mediunidade, sendo tomado pelos Espíritos, de modo a alarmar a familia.

Entregue aos cuidados médicos, estes diagnosticaram a indefectível... epilepsia, declarando-o incurável. Valeu-o a dedicação ilimitada de sua extremosa progenitora, que, á força de orações e cuidados de toda ordem, conseguiu atenuar a ação dos Espíritos, permitindo que o futuro pontífice pudesse ingressar na carreira eclesiastica, na qual contaria com a proteção do seu parente Pio VII, então ocupante do Vaticano, apesar do exilio a que o obrigará a violencia de Napoleão I.

Mas, apesar da atenuação das influencias dos Espíritos, o então padre João Maria Mastai ainda era sujeito a manifestações mediúnicas, razão por que só lhe era permitido celebrar missa acompanhado por outro sacerdote (possivelmente na previsão de que fosse acometido de intempestivo transe mediúnico, isto é, "ataque epileptico", que viesse interromper a cerimonia. Nada impediu, no entanto, que fosse um homem lúcido e culto, um grande pontífice, mesmo dentro da condição de médium.

Outro exemplo — de igual relevo na insuspeição — é o de William Staiton Moses, notável pastor protestante, que foi um robusto e fecundo talento, aliado a invulgar integridade de carácter, qualidades que demonstrou desde os bancos colegiais e lhe deram excepcional prestígio em todos os postos que ocupou, tanto nos curatos, quanto no magisterio.

Abandonando as atividades habituais, por motivo de saúde, teve a atenção despertada por pessoas amigas para os fenômenos chamados espiritualistas, e buscando estudá-los, a pedido de uma dessas pessoas, as suas próprias faculdades mediúnicas despertaram, em razão do que recebeu, psicograficamente, notabilíssimas mensagens (reunidas no volume — *Ensinos Espiritualistas*).

Dotado de sólida instrução, conhecendo a Bíblia e a teologia luterana proficientemente, Staiton Moses não se deixou vencer pelas primeiras manifestações dos Espíritos.

Bem ao contrário, ele debateu o assunto com a erudição e amplitude que seus cabedais permitiam, elucidando sob o ponto de vista filosófico todos os antagonismos surgidos entre a doutrina dos Espíritos e os preconceitos de que partilhava, aprendidos na hermenéutica exegética dos teólogos mais eminentes.

Recebendo cada uma das mensagens doutrinárias, Stanton Moses opunha, mentalmente, argumentos sólidos contra êsses ensinamentos; mas, tão depressa os formulava, o Espírito manifestante dava, pelo lapis do proprio Moses, a resposta categorica, erudita, irrespondível.

Embora dotado de tão prodigiosa quanto incomprendida faculdade, Stanton Moses não perdeu a personalidade de homem, e muito se fez querido e útil, pelos grandes e meritorios atos de altruismo que praticou, socorrendo e ajudando espiritual e materialmente quantos recorriam á sua beneficencia e aos seus conselhos de sadia moral, e ainda fundando varias instituições (a *Aliança Espiritualista de Londres* é de sua criação) que tiveram grande destaque nos trabalhos e estudos levados a efeito.

Assim em todos os casos de mediunidade; o individuo não dissolve a sua propria personalidade, exerce ou não ostensivamente, conheça ou ignore o dom de que é possuidor.

Grandes vultos da ciencia, da literatura e da política têm sido dotados da faculdade mediúnica, e, embora não a empregassem no sentido religioso, na comunicação afetuosa com os Espíritos, dentro das normas da Caridade cristã, — nem por isso deixaram de apresentar os nítidos traços de qualidades excepcionais, acima do comum das criaturas.

Joaquim Murtinho, a iluminada cerebração que o Brasil ainda não soube admirar nos seus justos termos, foi médium, e dos mais notaveis, porque, dispondo de uma cultura profundíssima, teve ensejo de servir particularmente a muitos milhares de enfermos e coletivamente ao Brasil, — áqueles curando-lhes as enfermidades, á Patria injetando sangue novo nas arterias anemicas da circulação fiduciária — quando geriu de forma inegualada a pasta das finanças nacionais.

Médico, legou valioso cabedal á Homeopatia; Economista, descobriu a fórmula do nosso mercado cambial.

Suas curas ficaram célebres, e seu nome se tornou conhecido em todos os centros médicos do mundo, onde chegaram notícias dos diagnosticos videntes que formulava sem a menor dificuldade.

Seus dedos maravilhosamente dotados, levavam fluidos curadores aos organismos enfermos, e muitas vezes o doente sorria aliviado, com essa simples auscultação digital de prodigioso efeito.

Seu olhar, sua palavra tinham o magnetismo misterioso tipico da mediunidade; aquele possuia irresistivel poder magnetico; a sua voz o dom de infundir confiança.

No entanto, o grande patrício não deixou de viver a sua existencia bem humana, sem lalos de santidade, de sectarismo ou de sintomas de alucinacões epilépticas.

Assim tambem passaram mediunicamente desconhecidos Quintino Bocaiuva, Nilo Paganha, Olavo Bilac, Coelho Neto, Machado de Assis, e tantos outros, que haviam trazido para a vida terreal esse dom divino, que constitue o verdadeiro elo de ligação entre a Terra e o Infinito.

E, no entanto, quanto sofreram, isoladamente no quadro de suas condições individuais, no corpo e na Alma, talvez porque não conheciam as leis da mediunidade?

Francisco Cândido Xavier é um Espírito reincarnado para a grande missão de espalhar as luzes da Verdade universal, sob a égide protetora e vigilante de verdadeiros Amigos, missionários da nova catequese nas terras de Santa Cruz.

Surgindo em um modesto recanto de Minas Gerais, em Pedro Leopoldo, assim o foi para que a humildade lhe selasse o passaporte de entrada na existencia humana, e assim obscura a sua personalidade servisse melhor para exteriorizar as rutilâncias do que recebesse do Além.

Fracamente instruído, pois as escolas de uma vila não podem ensinar sinão cousas elementares, nunca lhe foi dado sair dali para frequentar cursos complementares e superiores, — tudo para que não pudesse colaborar com os seus conhecimentos nas formidaveis produções escritas pelo seu lapis — com a genialidade dos Espíritos.

Começando a trabalhar nos rudes misteres de empregado de armazem tipica e rusticamente matuto, assim devia ser, para que a sua personalidade não conhecesse nem afeiçoasse dissolventes encantos dos magazines das metrópoles.

Ligado a uma familia pauperrima, e relativamente numerosa, que era mister ajudar no ganho do pão quotidiano, Francisco Cândido Xavier não teve tempo de pensar nas cousas tafues da indumentaria ou nos divertimentos da juventude.

Menino, começou a trabalhar, e assim cresceu, simples, desprendido, modesto, pobre e feliz de Alma.

Quando o grande vespertino O GLOBO, desta capital, fez junto de Francisco Cândido Xavier a mais sensacional

reportagem registrada nos anais do psiquismo, as numerosas testemunhas ficavam estupefactas — verificando que o médium era um desmentido vivo á propria produção do seu lapis, tão modesto êle, e tão grandiosas as mensagens recebidas. Os olhos viam e as inteligencias comparavam: tinha os pés metidos em tamancos e a cabeça mergulhada nas claridades do Infinito!

De uma feita, nessa reportagem, escreveu — **DO FIM PARA O PRINCIPIO** — um trecho em inglez (idioma ignorado do medium), trecho que só pôde ser lido com auxilio de espelho refletindo o positivo do original negativo.

De fins de Abril a meados de Julho de 1935, Clementino de Alencar, o talentoso e imparcialissimo reporter destacado, manteve os leitores do GLOBO enlevidos com a narrativa e documentação da maravilhosa mediunidade de Francisco Cândido Xavier, inclusive com a comprovação fotográfica dos aspectos mais importantes a realçar no caso, onde se constatou a possibilidade de obter desde os sonetos inconfundiveis de Augusto dos Anjos até respostas eruditas sobre problemas da Medicina, inclusive a inimitável elucidação que o Espírito de EMMANUEL deu sobre as causas possiveis do diabetes.

Apesar, porém, da retumbancia e da notoriedade advindas dessa reportagem, Francisco Cândido Xavier continuou simples, desambicioso, modesto, mourejador.

Escrevendo por seu lapis o *Parnaso de Além Túmulo*, livro único, sem igual e sem rival na literatura do mundo, outro, que não estivesse resguardado pelas forças de Espíritos muito amigos e bons, teria resvalado para a vaidosa celebridade — derivada daquelas páginas — onde estão identificados IRRESPONDIVELMENTE os maiores dos nossos poetas desincarnados, de estilo inconfundivel, e cujos versos mediunicos os negadores sistematicos ficam reptados a imitar, sem decalque.

Mas, nem esse, nem os outros livros psicografados alteraram o feitio de Francisco Cândido Xavier. Continua não aceitando — **NEM MESMO INDIRETAMENTE** — qualquer dádiva em troca ou retribuição da sua mediunidade.

Podendo estar a caminho de um sólido peculio, com os direitos autorais das suas produções editadas, jamais recebeu — **NEM ADMITE QUE TAL SE LHE PROPONHA**

— um niquel siquer a esse ou outro pretexto em que entre a sua faculdade mediúnica.

Vive exclusivamente de modesto ordenado do seu trabalho (pouco mais de duas centenas de mil réis mensais),

e que destina fielmente ao sustento de pais e irmãos, de vez que o seu progenitor tem escasso provento da atividade que exerce.

Quiçá exceda da oportunidade de um livro d'estes moldes, os detalhes domesticos da personalidade do medium Francisco Candido Xavier; mas, döe profundamente ler as injustiças e as descortezias escritas contra um moço digno da maior estima e da mais irrestrita admiração no terreno da espiritualidade.

Francisco Candido Xavier, saiba-o o Brasil inteiro, crieiam-no as pessoas bondosas, tolerantes, de bôa-fé, que bem avaliam o exato amor da familia, é um filho exemplar, irmão carinhoso, amigo prestativo, alma compassiva, desambicioso, simples em tudo, enfim, uma verdadeira alma angelica — amortalhada num corpo de homem.

Não é um santo — de jejuns e camândulas na mão; mas não tem nenhum dos defeitos proprios de uma criatura humana. É um medium VERDADEIRO, eis a sua única e maior definição.

Várias tentativas foram feitas, no sentido de arranca-lo do logarejo onde vive e ganha o pão com o suor do rosto. Emprégos com pingues ordenados, instalações de requintado conforto, tudo lhe tem sido posto ante os olhos, com idôneas garantias. Tudo recusou serenamente, convictamente, porque sente a sua condição de medium em ininterrupta ligação com eminentes e poderosas entidades do Além.

Infelizmente, um apêlo em favor da verdade em torno de Francisco Candido Xavier não poderá dar fruto sazonado, enquanto os preconceitos das religiões e das idéias prévias atribuirem aos médiuns ligações infernais com Satanaz ou manifestações mórbidas, quando não manobras burlonas e especuladoras.

A realidade, porém, é que o dom mediúnico não escolhe preferencialmente uma determinada seita.

D. Ana Prado, a célebre medium que irradiou da Capital paraense para o mundo inteiro estupefacentes fenômenos de materialização, era católica, apostólica romana, e sómente para atender a desejos do espôso acedia em tal.

Muitas vezes, foi chorando que ela se encaminhou para a sala das sessões mediúnicas então realizadas, sem que se saiba si esse pranto obedecia a repulsa ignota do seu proprio Espírito ou à lembrança do seu mentor eclesiástico — que lhe acenava com o inferno, por motivo das materializações a que ela se prestava.

Hoje, no mundo da eterna verdade, a nobre e gloriosa senhora sabe, melhor que os pobres comentadores, qual das duas cousas teve mais valor, si os fenômenos produzidos ou si as lagrimas vertidas.

Assim o mansueto Francisco Candido Xavier, recebendo os calhaus das injurias, os pontapés das ingratidões, repe-lindo as tentações das riquezas que lhe oferecem, continuando abraçado ao lenho da sua missão, no calvario de rosas da sua vida de novo apóstolo da palavra dos Espíritos, erguido na Galiléia mineira do seu nascimento, proseguirá servindo á boa causa dos Mensageiros do Cristo, sem se emocionar com a grita da turba na pretoria da Intolerância aonde são levados os inocentes e os humildes de coração.

De uma circunstancia podem todos estar certos: a cada salto da vibora da calunia, a cada injustiça que lhe acendem nos foguetes da injuria, ele sorri, numa expressão meiga e infantil, e diz:

— Que Jesus lhes perdôe, porque não sabem o que estão fazendo!